

### 3

## **Caminhando se faz o caminho: relatos e reflexões do percurso metodológico**

Neste capítulo, pretendemos apresentar os caminhos percorridos para realização do trabalho de campo. As direções escolhidas para esta investigação não estavam totalmente definidas a priori, tendo sido primordialmente traçadas através do caminhar do pesquisador em busca do encontro com seu outro. Neste caso, as meninas grávidas.

Ao trazer um mapeamento retrospectivo deste processo, queremos assinalar que ao invés de optar pela utilização de um método pré-estabelecido, buscamos desenvolver uma metodologia que se construiu a partir das necessidades que o campo sinalizou. Em outras palavras, a metodologia adotada tem como proposta investir no encontro do pesquisador com o campo, descrevendo com detalhes o processo da construção do seu objeto de investigação.

### 3.1

#### **Primeiros passos: a pesquisadora em busca das meninas**

Concluída a primeira etapa do trabalho, onde foi realizada uma ampla pesquisa de referências bibliográficas para compreender teoricamente o campo em questão, inicio a desafiadora tarefa do trabalho de campo. O primeiro passo era identificar espaços onde pudesse ir ao encontro das meninas. Mas onde isso aconteceria?

Iniciei, então, uma busca para identificar possíveis espaços onde o trabalho poderia ser realizado. O percurso que me conduziria ao encontro com as adolescentes grávidas partiu de um levantamento de instituições que desenvolvem algum tipo de acompanhamento com jovens entre 10 a 19 anos. As instituições de ensino e organizações não-governamentais (ONG) foram alvo das minhas primeiras investidas no campo. O espaço escolar pareceu-me extremamente

profícuo para o contato com as meninas. Entretanto, a dificuldade seria fazer a seleção de uma instituição, levando em consideração que a própria literatura consultada pontua o abandono escolar como uma realidade presente no cotidiano de adolescentes grávidas.

Ao direcionar o caminhar para as ONGs, notei que um número reduzido delas desenvolvia algum tipo de trabalho com meninas gestantes. A maioria destes projetos direcionava o trabalho no sentido de oferecer informação sobre doenças sexualmente transmissíveis, como por exemplo, Aids e métodos contraceptivos, etc, com foco na prevenção de doenças e também da gravidez considerada precoce. Por meio destas incursões embrionárias cheguei até a ONG “Abraçar”, localizada no Bairro de Vila Isabel, que desenvolve o projeto “Jovens-Mães”. A proposta do trabalho nesta instituição é realizar grupos com adolescentes grávidas para refletir sobre os sentidos da maternidade e a reorganização dos projetos de vida, após o nascimento dos filhos. Entretanto, ao conversar com a psicóloga responsável pelo mesmo, esta compartilhou sua dificuldade em convidar as meninas a participarem dos grupos. Devido a tais limitações, o grupo contava naquele momento, com apenas três participantes e, por este motivo, não se justificava a minha entrada, o que poderia influenciar o processo que estava se iniciando.

Continuando o caminhar, essas primeiras incursões trouxeram algumas pistas sobre o lugar que estas meninas acabam por ocupar. Elas estão na “contramão” dos investimentos e expectativas para este momento da vida, ou seja, dos ideais de escolarização e preparação para o mercado de trabalho, daí a dificuldade em encontrá-las.

Ao retornar aos meus objetivos iniciais, que estavam pautados em conduzir uma reflexão sobre os sentidos da gravidez na adolescência a partir do relato de meninas grávidas, percebi que o serviço de saúde era um caminho possível para atingir tais propósitos. Particularmente, porque durante o período gestacional elas comparecem com certa regularidade às unidades de saúde a fim de realizar o acompanhamento pré-natal.

Retomei o meu trajeto visitando alguns postos de saúde, sem conseguir obter informações claras de como deveria proceder para obter autorização para realização da pesquisa. Ao visitar o Núcleo de Estudos e Saúde do Adolescente (NESA)<sup>10</sup> que funciona no Hospital Universitário Pedro Ernesto, uma profissional da equipe que havia realizado uma pesquisa de doutorado com casais de pais adolescentes, informou-me sobre os procedimentos que deveria realizar para obter autorização junto às instituições onde desejasse realizar as entrevistas. Para tanto, minha pesquisa deveria ser cadastrada no Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos (SISNEP), onde seria gerado um formulário com as informações sobre o mesmo, para apresentação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Após uma análise seria concedido o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE - e este seria o meu passaporte para entrada na instituição escolhida. Essa mesma profissional indicou algumas instituições de referência no atendimento a adolescentes grávidas, quais sejam: Maternidade Escola da UFRJ, Instituto Fernandes Figueira e Hospital Maternidade Oswaldo Nazareth (conhecida como maternidade da Praça XV).

Após uma visita ao Hospital Maternidade Oswaldo Nazareth, alguns contatos telefônicos informaram-me que deveria organizar um processo bastante extenso, o qual seria avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro. O cadastro no SISNEP era apenas o início. Este processo era composto de inúmeras etapas: a) deveria reunir documentação de minha instituição de origem que oficializasse a pesquisa e anexar junto a esta documentação o aceite da Comissão de Ética local; b) apresentar formulários da Secretaria de Saúde com dados das Unidades; c) apresentar algumas cópias do projeto em formato pré-estabelecido; e) entregar cartas de aceite assinadas pela diretoria da instituição em que eu pretendia realizar a pesquisa. Para obtenção desta carta a diretora da unidade deveria avaliar o interesse científico do meu projeto para a instituição de saúde em questão.

Após cumprir este processo e reunir toda a documentação necessária, encaminhei o meu pedido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria

---

<sup>10</sup> É o setor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) responsável pela atenção integral à saúde de adolescentes na faixa etária entre 12 e 20 anos de idade, funcionando como unidade docente-assistencial nos níveis de atenção primária, secundária e terciária

Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro – CEP SMSDC/RJ. O prazo informado para aprovação do pedido era de trinta a quarenta e cinco dias úteis, no entanto, só após aproximadamente dois meses, obtive a resposta afirmativa (anexo 1). Cabe lembrar que antes da aprovação do projeto, a instituição apresentou uma recusa inicial, pois exigiu maiores esclarecimentos em relação ao financiamento da pesquisa.

Por não saber qual seria o desfecho do recurso em andamento, resolvi entrar com um pedido em outra Instituição. Desta vez, no Comitê de Ética da Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro-CEP/ME-UFRJ. O processo foi semelhante ao anterior, diferenciando-se apenas no fato da ME-UFRJ possuir um comitê de ética próprio, o que descartava a necessidade de encaminhar o processo ao Comitê da Secretaria Municipal. Mesmo assim, este parecer foi mais demorado que o anterior, levando cerca de quatro meses para obtenção da aprovação (anexo 2). Além disso, o processo também passou por uma recusa inicial onde desta vez fui questionada sobre o número da “amostra” (termo utilizado pelo comitê) e sobre o critério para seleção da mesma.

Após passar por este processo moroso e já de posse das autorizações, comecei a me sentir mais próxima do encontro com as meninas.

### 3.2

#### **Mais do que entrevistas ... *entrefalas***

Neste momento faz-se necessário explicitar o sentido de entrevista que está presente nesta investigação. Noção que se afasta de um conceito mais usual do termo relacionado a uma dinâmica onde está presente o pesquisador-perguntador e o participante-responder. Consideramos que as entrevistas, quer sejam rigidamente estruturadas ou semi-estruturadas, podem em diferentes níveis inibir o fluir das idéias dos entrevistados. De outro modo, nossa preocupação era fomentar o relato livre das jovens sobre a experiência da gravidez no período da

adolescência, sem ficar aprisionado a um roteiro elaborado fora do contexto, descolado do acontecimento no ato do encontro.

O viés metodológico que assumimos atribui uma atenção especial a relação que se estabelece entre pesquisador e sujeitos da pesquisa no ato de realização da entrevista, tendo na perspectiva dialógica trazida por Mikhail Bakhtin, seu fundamento principal. O ato da entrevista, de acordo com este estudioso consiste num processo de comunicação que tem como base a perspectiva dialógica. Seguindo esta linha de pensamento Jobim e Souza (1997/98), entende por entrevista:

“um espaço de construção de sentidos ou de produção de linguagem entre sujeitos organizados socialmente a partir de um enquadramento relacional específico” (p.90).

Questionando os modelos correntes de entrevista, o recurso metodológico adotado tinha a finalidade de viabilizar, para além de um espaço para perguntas e respostas, a construção de “entrefalas”<sup>11</sup>, “conversas”, onde as participantes eram convidadas a falar sobre a experiência da gravidez na adolescência. Assim sendo, as entrevistas são tomadas no sentido dialógico, visando mais a construção e a reconstrução de sentidos no encontro entre o pesquisador e seu Outro, do que a busca por informações generalizáveis sobre o tema abordado. Jobim e Souza & Kramer (1996) sintetizam esta questão:

Do ponto de vista metodológico, isso significa romper com uma pretensa cientificidade que buscava respostas exatas para indagações diretas; significa ultrapassar tanto uma abordagem generalista, teoricista, que se satisfaz com abstrações descoladas do real, quanto uma abordagem empirista, colada no real, dependente da coisa vista, retratada, presa a ela, fotografada (p.27).

Este modo de pesquisar caminha na contramão de um entrevistador que assume o lugar do especialista em busca da verdade absoluta dos fatos. Distancia-se, ainda, de um modo de pesquisa que prioriza a pré-formulação sistemática das questões da entrevista fora de seu contexto.

---

<sup>11</sup> Este termo foi desenvolvido por Jobim e Souza & Kramer, em 1996, em pesquisa realizada com professoras do ensino fundamental. Ver Jobim e Souza, S. & Kramer, S., *Histórias de Professores*, editora Ática, São Paulo, 1996.

Com base em tais reflexões, no presente estudo, o entrevistador traz uma questão central em função da qual se inicia a conversa e, a partir dela, suscitam-se questionamentos outros nos participantes e no próprio pesquisador, na forma de um diálogo. O entrevistador em interação permanente com seu interlocutor, também participa do diálogo com suas identificações, impressões, modos de significação e, principalmente, a partir de sua história e do lugar social que ocupa. Vale enfatizar, que o dispositivo “entrefalas” tomado aqui como ferramenta metodológica, seria, então, um espaço de re-significação de papéis socialmente instituídos, na medida em que aqui, não se vê entrevistador e entrevistado em postos hierarquicamente estabelecidos de uma vez por todas, de forma fixa e imutável, mas como atores sociais, com suas histórias pessoais, inscritas por sua vez em contextos sócio-culturais particulares e que, ao longo da entrevista, estão sujeitos a negociarem seus lugares sociais (Jobim e Souza & Castro, 1997/98).

Nesta perspectiva, o pesquisador se indaga sobre a especificidade do conhecimento que é produzido de forma compartilhada, ou seja, construído “entre-falas”. É importante ressaltar que nesta abordagem o pesquisador rompe com qualquer pretensão de neutralidade na produção do conhecimento, de outro modo, se deixa afetar pelas circunstâncias e pelo contexto em que a cena da pesquisa acontece (Jobim e Souza e Albuquerque, 2011). Nesta abordagem, o lugar que o pesquisador ocupa é marcado pela experiência única e singular do encontro entre o pesquisador e seu Outro, em busca de produzir *textos* que revelem compreensões, mesmo que provisórias, sobre a experiência da gravidez na adolescência, buscando desta forma dar sentido a este acontecimento na vida. Sobre o posicionamento do pesquisador no campo Jobim e Souza e Albuquerque (2011) comentam:

Nesta abordagem teórica o *Outro*, para o pesquisador, não é uma realidade abstrata, um objeto de pesquisa, mas é visto como alguém, cuja palavra confronta-se com a do pesquisador, refratando-a e exigindo-lhe resposta. Em contrapartida, a palavra do pesquisador recusa-se a assumir a aura da neutralidade imposta pelo método e integra-se à vida, participando das relações e das experiências, muitas vezes contraditórias, que o encontro com o *Outro* proporciona.(p.8)

Como tentativa de demonstrar como tais conceitos estiveram presentes na realização do trabalho de campo apresento o relato de duas situações:

Diário de Campo: Observo D. na sala de espera da Maternidade acompanhada por sua mãe. Ela chama minha atenção por estar estudando enquanto aguardava o atendimento, fato que não era comum. Aproximo-me da jovem e explico a pesquisa, de início ela demonstrou estar um pouco reticente em relação ao estudo, (também me pareceu um pouco tímida), questiona sobre o tipo de perguntas que eu faria, onde aconteceria, etc. Respondo a todas as suas dúvidas e esclareço que não há nenhum questionário, pontuando que gostaria apenas que ela falasse sobre a experiência de estar grávida, D. então decide participar. Ao término do nosso encontro agradeço sua participação e ela responde: eu que agradeço, estava mesmo precisando conversar, foi ótimo! Deixamos a sala onde o encontro aconteceu e seguimos conversando pelos corredores do Hospital. (19/11/2010)

Diário de campo: Encontro M. aguardando atendimento médico. Sento ao seu lado, me apresento e falo sobre a pesquisa que estou realizando. Em seguida, pergunto a ela se gostaria de participar, M. aceita imediatamente. Seguimos para a sala onde os encontros aconteciam, a jovem é bastante comunicativa e extrovertida. Como de costume, ao final agradeço a disponibilidade da jovem em contribuir com meu trabalho, neste momento M. responde: eu adorei, estava precisando desabafar, foi muito bom pra mim. Saio bastante mobilizada deste encontro. O sofrimento relatado pela jovem ao receber a notícia que seria mãe pela segunda vez, aos 18 anos, após uma tentativa de interrupção da gravidez, além da culpabilização que sofreu por parte do marido e da família ficam ecoando em mim por muito tempo. (21/09/2010)

Tomando por base tais pressupostos, optou-se por realizar a *entrefalas* com as jovens sem um roteiro pré-determinado, de modo a possibilitar a troca de experiências no ato do encontro. As entrevistas eram introduzidas solicitando que apenas falassem sobre como estavam vivenciando a experiência da maternidade na adolescência, e a partir daí o diálogo se desenvolvia. Explicitava ainda, que embora existissem vários discursos e opiniões sobre o tema, a proposta daquele momento era simplesmente ouvir o relato de quem estava passando por esta experiência.

Os encontros foram gravados, transcritos e posteriormente analisados. Organizamos todo o material em categorias (temáticas) que emergiram nas *entrefalas* e que serão apresentadas no capítulo seguinte. O objetivo é trazer um

mosaico de narrativas que foram tecidas ao longo do processo e, ao compartilhar estas experiências singulares, contribuir para a reflexão e a produção de um conhecimento sobre a temática proposta que leve em conta especialmente o relato de experiências das adolescentes.

### 3.3

#### O encontro da pesquisadora com as instituições

##### 3.3.1

#### O Hospital Maternidade Oswaldo Nazareth

**A chegada.** Apresentei minha autorização ao responsável pelo centro de estudos da instituição, que me encaminhou ao ambulatório, onde são realizadas as consultas médicas. Fui recebida pela enfermeira responsável pelo setor que me informou sobre o funcionamento do mesmo, assim como as datas e horários dos atendimentos. Neste momento minha preocupação era conquistar um espaço dentro de uma rotina que já estava estabelecida para realizar as entrevistas, com o cuidado de resguardar o sigilo dos diálogos. Exponho tal questão para a profissional que me informou da existência de salas desocupadas, e que poderiam ser disponibilizadas no momento da entrevista. Iniciei as visitas na semana seguinte.

**A primeira imagem.** Ao chegar me deparei com uma ante-sala cheia de cadeiras e repleta de mulheres grávidas, de todas as idades. Observei que não havia qualquer divisão neste sentido. A rotina acontece da seguinte maneira: quando chegam ao hospital elas passam por uma triagem, onde são realizados os procedimentos de aferição da pressão arterial e pesagem, depois permanecem na sala de espera aguardando o atendimento que acontece por ordem de chegada. Resolvi, então me aproximar daquelas que identifiquei como sendo mais jovens, apresentando-me e explicando meu trabalho, deixando claro que a participação era voluntária e que quaisquer dúvidas poderiam ser esclarecidas.

Os primeiros contatos com o campo trouxeram questões peculiares ao estudo com adolescentes, com destaque para obtenção da assinatura pelo responsável, no caso das menores de 18 anos, do termo de consentimento livre e esclarecido. O processo tornava-se mais complexo em virtude de grande parte das adolescentes comparecerem desacompanhadas ao atendimento médico. Sustentar este recorte etário e insistir na escuta destas adolescentes foi uma aposta do trabalho, entrave que deveria ser enfrentando para trazer ao contexto desta pesquisa a voz destas meninas e de suas experiências. Alguns responsáveis barganharam a assinatura do termo ao condicionarem o consentimento à garantia de sua presença durante as entrevistas. Esta exigência foi uma das surpresas do campo que a pesquisadora precisou acolher e que desencadeou uma reflexão sobre a ambivalência do lugar que estas adolescentes grávidas ocupam, pois se de um lado não estão autorizadas legalmente por si mesmas, por outro estavam prestes a tornarem-se responsáveis por seus filhos.

O lugar que passei a ocupar dentro daquele espaço também mereceu algumas reflexões e posicionamentos, pois existiam expectativas em relação ao meu trabalho que extrapolavam o lugar de pesquisadora. Estas expectativas estavam relacionadas à minha formação como psicóloga frente às demandas presentes numa instituição que não dispunha de profissionais de psicologia para atender um público ávido por um espaço de escuta para suas demandas singulares, tanto afetivas como emocionais, em um momento de enfrentamento de intensas transformações familiares.

### **3.3.2**

#### **A Maternidade Escola da UFRJ – ME-UFRJ**

As incursões na Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ME-UFRJ) foram iniciadas posteriormente à Maternidade Oswaldo Nazareth. Este fato ocorreu porque embora os processos tenham sido abertos praticamente ao mesmo tempo, o retorno do comitê de ética da ME- UFRJ foi mais demorado. De tal modo, as entrevistas na Maternidade Oswaldo Nazareth já

estavam em andamento quando recebi a aprovação para realização da pesquisa na Maternidade Escola. Optei por não abrir mão deste campo, pois para desistir do processo também deveria cumprir algumas exigências burocráticas. Além disso, ouvir meninas de outro contexto mostrou-se promissor.

A existência de dois campos foi algo que surgiu no processo de pesquisa, vale dizer, uma contingência que se revelou no percurso do trabalho. Porém esta novidade, que considerei posteriormente bastante promissora, trouxe questões novas, não necessariamente previstas, mas fundamentais para os resultados da pesquisa, como veremos mais adiante. Entretanto, faz-se necessário dizer que esta pesquisa não tem como premissa ser um estudo comparativo, pois o nosso foco foi a escuta das experiências das jovens com a gravidez e não o atendimento que recebiam nas instituições em que realizavam os exames médicos de acompanhamento preventivo.

Após apresentar minha autorização à diretora da divisão médica da maternidade fui orientada a procurar a profissional responsável pelos atendimentos às adolescentes grávidas. Esta profissional mostrou-se receptiva e disponível para orientar-me em relação ao funcionamento dos atendimentos. O trabalho na Maternidade-escola tem algumas especificidades. O serviço de pré-natal direcionado às adolescentes é concentrado em dois dias pela manhã, sendo que o atendimento é dividido por faixas etárias: as terças, ocorrem os atendimentos de meninas com idade até 16 anos, e as quartas, de 17 e 18 anos. Sobre os motivos desta separação, a médica esclareceu que foi apenas uma maneira que a equipe encontrou para organizar os grupos que antecedem o atendimento médico, os quais descreverei mais adiante. A vivência de anos atendendo a este público possibilitou que a equipe identificasse algumas particularidades dentro deste amplo grupo que abarca o período da adolescência. Segundo relato das responsáveis pelo atendimento, grande parte das meninas de 17 e 18 anos “planejaram” a gravidez, e muitas inclusive já vivem com seus parceiros, enquanto que o segmento menor do grupo possui um perfil diferenciado em relação aos motivos da gravidez.

A maternidade oferece um grupo de apoio às adolescentes, que antecede a consulta médica, sendo realizado por profissionais de diferentes áreas - musicoterapeuta, assistente social, nutricionista, psicólogo - que se revezam para dinamizar o grupo, favorecendo um espaço de acolhida. O grupo é aberto não somente às adolescentes, mas também para os pais e os familiares, sendo um momento para tirar dúvidas e falar sobre as expectativas e angústias vivenciadas a partir da maternidade. Este tipo de serviço foi criado pela médica que realizava os atendimentos às adolescentes ao perceber que existiam muitas questões que a consulta médica não conseguia contemplar, justificando-se a necessidade deste espaço.

Ao expor para a médica sobre a necessidade da assinatura do termo de consentimento pelos responsáveis, ela questionou a obrigatoriedade do mesmo tendo em vista o caráter da minha pesquisa e fez o seguinte relato:

*Se uma menina vem para uma consulta e pede para que eu receite um anticoncepcional a ela, eu não vou pedir autorização dos pais para fazer isso. No seu trabalho elas não irão se submeter a nenhum experimento, irão falar somente o que quiserem. (diário de campo, 09/10/2010)*

O tema da autonomia e tutela dos adolescentes retorna no discurso de uma profissional da área de saúde, o que reforça a necessidade de um debate mais amplo, capaz de envolver a sociedade, para refletir sobre os novos contextos de experiências presentes na vida social de crianças e adolescentes.

A particularidade do trabalho realizado pelas duas instituições exigiu também maneiras diferenciadas de aproximação com as adolescentes que poderiam ser entrevistadas. Na Maternidade Escola da UFRJ o intervalo entre a chegada à unidade e a consulta médica era preenchido com a realização dos grupos de apoio que aconteciam em todos os dias destinados ao pré-natal das adolescentes. Essa dinâmica demandou um maior entrosamento com a médica responsável pelos atendimentos, que passou a intermediar meu contato entre as jovens e a pesquisadora. Nesse processo a profissional passou a solicitar que as meninas me procurassem após a consulta, e em alguns casos antes desse atendimento médico, o que possibilitou a minha inserção dentro do espaço sem

prejudicar a rotina que estava estabelecida. Destaco que esta dinâmica, responsável por um entrosamento maior da pesquisadora com as meninas grávidas neste contexto específico, pode ter sido facilitada por se tratar de uma instituição ligada ao ensino e pesquisa, sendo comum a presença de estudantes e pesquisadores dentro do espaço hospitalar. A particularidade da minha inserção se dava pelo fato de não estar vinculada institucionalmente à universidade da qual a maternidade fazia parte, o que me tornava de certa forma “estrangeira”, pois estava ligada a outra instituição de ensino.

O próximo tema de reflexão diz respeito ao espaço que foi concedido para realização das entrevistas, e que foi comum tanto no Hospital Maternidade Oswaldo Nazareth quanto na Maternidade Escola da UFRJ. Realizei as entrevistas em um consultório de atendimento médico.

### 3.4

#### **Quando a pesquisadora encontra o consultório**

O processo de pesquisa esconde nuances e sutilezas impossíveis de serem controladas e/ou previstas antes de nos lançarmos a este desafio. Algo impactante neste percurso foi a necessidade de realização das entrevistas em um ambiente destinado a assistência médica.

Fiquei surpresa ao adentrar pela primeira vez aquele espaço, tendo em vista o papel de pesquisadora que estava ocupando naquele momento. A sala era composta por uma mesa com cadeiras, uma cama de atendimento ginecológico e ainda outra mesa com alguns objetos próprios do atendimento médico. Aquele ambiente causou estranhamento, não por sua organização, essa não trazia novidade, mas pela desarmonia com meus propósitos de entrevistar as meninas para uma conversa sobre suas experiências e expectativas em relação à maternidade. Entretanto, acolhi aquele território, que inicialmente pareceu-me “estranho”, com a intenção de me deixar surpreender pelas possibilidades de

relatos que iriam surgir a partir do meu encontro com as meninas naquele contexto específico.

A estratégia utilizada como tentativa de reduzir os impactos daquele espaço no contato com as jovens foi uma apropriação singular do consultório pela pesquisadora. Busquei durante o processo alterar a configuração da sala, modificando a disposição das cadeiras, e colocando-me mais próxima das entrevistadas. O objetivo era que este pequeno gesto pudesse diferenciar o lugar da pesquisadora de uma disposição mais tradicional, comum ao profissional da área médica, que geralmente carrega um distanciamento que simboliza o lugar do saber, um saber que antecede a experiência. Este era um lugar que eu não desejava ocupar de antemão. O meu objetivo era construir no diálogo com as meninas um conhecimento sobre a experiência da gravidez na adolescência, mesmo reconhecendo os limites dessa tentativa. Não havia a pretensão de anular as peculiaridades da minha presença num consultório médico, sobretudo porque independente da sala de consulta em si, existia a própria instituição de saúde enquanto contexto maior que atravessava e intermediava a realização das entrevistas. O que esta estratégia metodológica buscou foi proporcionar um ambiente diferenciado e uma postura aberta do pesquisador para receber e escutar as adolescentes.

### 3.5

#### **A pesquisadora nos grupos**

A Maternidade Escola da UFRJ realiza semanalmente grupos com as adolescentes que estão em acompanhamento pré-natal na instituição. Além das jovens, os familiares também são convidados a participar dos encontros, que têm o objetivo de conduzir uma reflexão contemplando não somente os aspectos médicos, mas também os sociais e emocionais do cotidiano das adolescentes. A necessidade de criação destes grupos surgiu a partir de uma reflexão da equipe ao observar que alguns tópicos não são contemplados na consulta médica. Os encontros são realizados em uma sala organizada em círculo, obedecendo o

mesmo critério etário dos atendimentos médicos, envolvendo diferentes profissionais da equipe de saúde (musicoterapeuta, assistente social, psicóloga, nutricionista). Ao longo dos dois meses que estive na unidade participei destes encontros não apenas como observadora, mas também interagindo com os grupos. A equipe da maternidade me apresentou como sendo uma psicóloga que realizava uma pesquisa sobre o tema “gravidez na adolescência”. Este era o contato inicial com as participantes que eram direcionadas posteriormente para esclarecimento dos objetivos do meu trabalho. A dinâmica dos encontros refletiu positivamente na receptividade das jovens, sendo bastante reduzido o número de recusas.

### 3.6

#### **Sobre as participantes**

A pesquisa foi realizada com trinta e duas adolescentes, entre treze e dezoito anos, que realizavam o acompanhamento pré-natal no momento das entrevistas. Sendo nove realizadas no Hospital Maternidade Oswaldo Nazareth e vinte e uma na Maternidade Escola da UFRJ. As jovens são moradoras de diferentes localidades do Estado do Rio de Janeiro. De início não houve uma delimitação prévia no que se refere à faixa etária<sup>12</sup> das entrevistadas, optamos por trabalhar com as contingências do campo, tomando apenas como parâmetro o critério proposto pela Organização Mundial de Saúde<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> A Organização Mundial de Saúde define a gravidez na adolescência como aquela que ocorre entre os 10 e 19 anos. Entretanto este segmento vem sendo classicamente subdividido em dois grupos: um que compreende as idade de 10 a 14 ano e outro de 15 a 19 anos.

<sup>13</sup> A adoção do critério da OMS decorre da pesquisa de campo ser realizada em duas instituições de saúde.

### Maternidade Escola da UFRJ

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Bairro</b>
Leila <sup>14</sup>	15	7º ano E.F	Rio Comprido
Andreia	14	7º ano E.F	Duque de Caxias
Roberta	17	2º ano E.M	Copacabana
Natalia	17	2º ano E.M	Botafogo
Iris	18	9º ano E.F	Bairro de Fátima
Maisa	15	7º ano E.F	Estácio
Gabriela	16	2º ano E.M	Bonsucesso
Daniele	16	1º ano E.M	Cordovil
Adriana	16	9º ano E.F	Maré
Diana	14	7º ano E.F	Ponte Preta
Tatiana	18	E.M completo	Realengo
Ana	18	1º ano E.M	Botafogo
Carla	17	3º ano E.M	Duque de Caxias
Paula	17	1º ano E.M	Copacabana
Márcia	18	2º ano E.M	Rio Comprido
Fabiana	16	8º ano E.F	Catumbi
Irene	18	8º ano E.F	Bonsucesso
Rafaela	18	9º ano E.F	Copacabana
Helena	18	2º ano E.M	Catete
Beatriz	17	2º ano E.M	Penha
Elisa	18	E.M completo	Estácio
Fátima	18	3º ano E.M	Glória
Marina	13	6º ano E.F	São João de Meriti

<sup>14</sup> A análise das conversas resguardou os nomes dos participantes (os utilizados serão fictícios), tais como informações que possam servir de reconhecimento das identidades das adolescentes. Foi assinado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, ao Comitê de Ética da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro, e ao Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade Escola da Universidade Federal do Rio de Janeiro, respeitando a Resolução número 1, do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que normatiza as pesquisas envolvendo seres humanos e oficializa com a revisão final pela Resolução número 196 de 10 de Outubro de 1996 (BRASIL, 1996). Na Psicologia essa resolução é complementada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), por meio da Resolução 016, de 20 de dezembro de 2000 (BRASIL, 2006).

**Hospital Maternidade Oswaldo Nazareth**

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Bairro</b>
Marta	18	2º ano E.M	Catumbi
Flávia	16	9º ano E.F	Ilha do Governador
Janaina	16	8º ano E.F	Parada de Lucas
Tatiana	16	9º ano E.F	Caju
Cristiane	18	E.M completo	Praça da Bandeira
Jaqueline	17	2º ano E.M	Parada de Lucas
Teresa	17	1º ano E.M	Bonsucesso
Luciana	18	2º ano E.M	Ramos
Débora	18	3º ano E.M	Penha